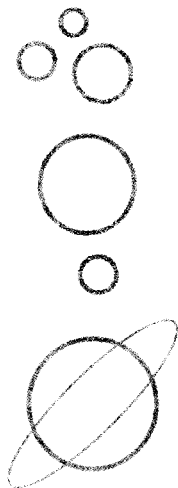


MARIA IRENE RAMALHO

FERNANDO  
PESSOA  
E OUTROS  
FINGIDORES



LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X X I

# ÍNDICE

Introdução	9
Interrupção poética	19
Poetas e pássaros	35
A doença do poeta	53
A hora do poeta	71
A ilha incontinente	89
A poesia e o sistema mundial	99
A arte da ruminação	157
Musas modernistas	179
A musa gazeteira e o corpo do poeta	199
O rabo do lagarto	223
«O deus que faltava»	243
Olhos vendados e o ser olhável	281
<i>Orpheu</i> et al.	301
O «grande livro»	327
Conclusão	349
<i>Bibliografia</i>	353
<i>Nota biográfica</i>	373

# INTRODUÇÃO

## CONSTELAÇÕES DE POETAS

Todo o grande poeta moderno, leitor de outros grandes poetas (ou artistas), e leitor sobretudo de si próprio, é sempre o inventor de quem melhor o lê. Entre muitos outros na tradição ocidental, vêm à memória os nomes de Edgar Allan Poe («Philosophy of Composition»), Charles Baudelaire («Au lecteur»), Walt Whitman («Preface», *Leaves of Grass*), Emily Dickinson («Master Letters» e cartas a Higginson), Stéphane Mallarmé («Crise de vers»), Wallace Stevens (*The Necessary Angel*), Ezra Pound («ABC of Reading»), T.S. Eliot («Hamlet»), António Ramos Rosa (*Poesia, liberdade livre*), Alberto Pimenta (*A magia que tira os pecados do mundo*), Ana Luísa Amaral (*Arder a palavra*). Poderíamos convocar muitos mais, nacionais e estrangeiros, mas nenhum deles exemplificaria tão bem este entrelaçado tema como Fernando Pessoa. Desde «A nova poesia portuguesa», em que o poeta se prenuncia como o Supra-Camões, à criação dos heterónimos que mutuamente se comentam, e assim se confirmam, contradizendo-se, Pessoa é por excelência o poeta que melhor projecta em seus poemas a imagem de quem o lê. E essa pessoa terá de ser alguém que o leia todo ao mesmo tempo e, nele, de uma perspectiva comparada, toda a poesia lírica que porventura conheça. Assim deverão entender-se os ensaios que neste volume se coligem.

A metáfora do título desta introdução, peço-a emprestada a Walter Benjamin, que um dia escreveu em *A origem do drama trágico alemão*: «As ideias estão para as coisas como as constelações para as

estrelas» (Benjamin, 1925).<sup>1</sup> Gosto de parafrasear esta imagem, dizendo que a poesia está para os poetas como as constelações para as estrelas.<sup>2</sup> De resto, são os próprios poetas que se concebem como existindo em constelações. «Vivemos numa constelação», reza o primeiro verso de um poema de Wallace Stevens. Ramos Rosa pode ter tido, ou não, oportunidade de ler esse primeiro verso do poema de Stevens, «July Mountain («We live in a constellation»)» (Stevens, 1997: 476), mas ele próprio haveria de escrever uma sequência de poemas intitulada «Constelações», cujo primeiro verso diz: «O mundo não é o mundo sem a cintilante caligrafia das constelações» (Ramos Rosa, 2005: 57-95). Fernando Pessoa, por sua vez, fala de poetas, poemas, estrelas e constelações de forma bem mais subtil.<sup>3</sup> Refiro-me à série a que Pessoa chamou «Poemas inconjuntos», escritos por Alberto Caeiro, o «autor» de *O guardador de rebanhos* e «O pastor amoroso». Desde sempre, os críticos pessoanos entenderam estes poemas como «não fazendo parte de um conjunto» – «poemas inconjuntos» –, se bem que a palavra «inconjunto» não esteja registada em nenhum dicionário de língua portuguesa. Na verdade, suspeito que o «inconjunto» de Pessoa é antes a palavra inglesa «inconjunct», um termo hoje da astrologia, mais do que da astronomia, que se refere a «corpos celestes que não estão em conjunção».

1 Tradução minha. Para uma tradução completa do ensaio, ver Benjamin (2004).

2 Quem me ler entenderá facilmente que o uso que faço de «constelações» no meu trabalho é completamente distinto do conceito de «constelações literárias» usado em *Mapping World Literature*, por Mads Rosendahl Thomsen (2008). Agradeço a Jerónimo Pizarro ter-me dado a conhecer esta obra sobre «literatura-mundo», conceito que me suscita algumas reservas.

3 Um pormenor curioso: logo no início de «The Song of the Open Road», de Walt Whitman, lêem-se os seguintes versos: «The earth, that is sufficient, I do not want the constellations any nearer, I know they are very well where they are, I know they suffice for those who belong to them.» Pessoa destacou este passo no seu exemplar de *Leaves of Grass* (Biblioteca Particular de Fernando Pessoa na Casa Fernando Pessoa).

É bem sabido o interesse de Fernando Pessoa pela astrologia.<sup>4</sup> Na sua biblioteca pessoal, encontram-se várias obras sobre o tema, muitas em língua inglesa, onde ocorrem termos como «conjunction», «conjunct», «inconjunct» (também dito «quincunx»). O que me parece é que Pessoa chamou «inconjunctos» a esses poemas de Caeiro, não no sentido de poemas dispersos, soltos ou por reunir, mas no sentido de poemas sem conjunção. Os «poemas sem conjunção» de Caeiro são, por assim dizer, poemas fora da órbita do pastor-guardador-de-rebanhos, porém, parte ainda da mesma constelação.

Na literatura comparada, o conceito de «influência» é muito importante para o estudo e a teorização das relações entre poetas. A mim, todavia, parece-me hoje muito mais interessante e produtivo o conceito de constelação: «constelações de poetas / constelações de poemas». Poetas ou poemas que não precisam de estar em contacto, ou em conjunção, para serem lidos como parte de uma mesma constelação. Com a criação dos «poemas sem conjunção» do heterónimo Alberto Caeiro, o inventado «mestre» deles todos, *et pour cause*, Pessoa sublinha a traço mais grosso ainda a sua radical desmistificação dos conceitos de autor e de influência poética. Nos ensaios que se seguem, ver-se-á também como é grande a resistência da poesia e dos poetas à filosofia. «Com filosofia não há árvores: há ideias apenas», lê-se num dos poemas sem conjunção de Alberto Caeiro (Pessoa, 1981: 165); que o arco-íris é mais «convicente» do que a filosofia, aprendêramos já com Emily Dickinson, em «The rainbow never tells me» (J97/Fr76) e não podia o poema ser mais convincente.

•

4 Ver, por último, Pessoa, 2011.

Reúno neste livro ensaios sobre temas que primeiro suscitaram o meu interesse no final da década de 1970. Acabada de regressar dos Estados Unidos da América, onde completara o doutoramento em Estudos Americanos, na Universidade de Yale, com uma tese, orientada por Harold Bloom, sobre o poeta modernista americano Wallace Stevens, e tendo retomado funções como docente da então Secção de Filologia Germânica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fui de súbito desafiada a escrever pequenas notas críticas sobre literatura portuguesa para a revista *World Literature Today*. Ao longo da primeira metade da década de 1980, a *WLT* publicou uma série de breves recensões minhas de obras recentes de autores portugueses, cinco das quais sobre livros de António Ramos Rosa: *A palavra e o lugar* (1977), *A nuvem sobre a página* (1978), *Círculo aberto* (1979), *As marcas no deserto* (1978), *O incêndio dos aspectos* (1980) e *Quando o inexorável* (1983).

Foi para mim muito inspirador reflectir sobre poesia portuguesa, e em particular sobre a lírica de Ramos Rosa, a par do cumprimento das minhas tarefas enquanto investigadora e docente de Estudos Anglo-Americanos, encarregada de cadeiras sobre Shakespeare e o teatro isabelino, por um lado, e de literatura e cultura dos Estados Unidos, por outro. Em vez de me debruçar apenas sobre poetas de línguas, culturas e poéticas diferentes, aqui e ali manifestando fenómenos de reconhecida influência poética, comecei a descortinar as subtis e insuspeitadas relações que viria mais tarde a entender como *constelações de poetas / constelações de poemas*. Esta imagem, como disse já, inspirada em Walter Benjamin, surgiu-me primeiro quando, num artigo, imaginei Emily Dickinson a «ler» Fernando Pessoa. Esse artigo está ainda no estaleiro e fica, por isso, excluído deste volume. A imagem, contudo, é importante

instrumento de análise e teorização nos dois últimos ensaios aqui incluídos.

Quando, no final da década de 1980, deparei com outro desafio – reger seminários de poesia e poética no Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Wisconsin-Madison durante os semestres de Outono –, tive oportunidade de elaborar programas em que incluí poesia portuguesa. Foi então que Fernando Pessoa passou a ser estudado e pensado nos EUA fora dos departamentos de Estudos Portugueses, e por isso a par de, entre muitos outros poetas, Sidney, Marlowe, Shakespeare, Milton, Goethe, Hölderlin, Wordsworth, Shelley, Keats, Whitman, Dickinson, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud, Valéry, Stevens, Kafka, Eliot, Pound, Duncan, Crane, Celan, Rich. Ou seja, Pessoa começou a ser repensado, não apenas à luz da sua relação – amplamente reconhecida por ele próprio e por quem o estuda – com Horácio, Shakespeare ou Milton, os românticos ingleses e americanos ou os simbolistas franceses, mas antes como um astro luminoso de uma constelação muito mais ampla. Ao mesmo tempo, conceitos teóricos que fui retirando da poesia e poética pessoanas – atlantismo, desassossego, interrupção, intersexualidade – foram fundamentais para a minha leitura de outros poetas e poéticas.

Todo este meu trabalho, que foi sendo apresentado em colóquios, ora em português ora em inglês, e ocasionalmente publicado em revistas nacionais ou estrangeiras, haveria de convergir num livro, primeiro dado a lume nos Estados Unidos e, um pouco mais tarde, publicado também no Brasil e em Portugal (Ramalho-Santos, 2003b; 2007a; 2008).

Os ensaios aqui coligidos são parte dessa preocupação de colocar Pessoa num vasto contexto transnacional e interpoético. Concebidos ao longo dos meus anos de experiência transatlântica,